

PRÁTICAS COM DROGAS: INSTITUIÇÃO OU RUPTURA DOS LAÇOS SOCIAIS?*

Alba Riva Brito de Almeida Doutora em Saúde Pública (ISC/UFBA).
Professora adjunta da Escola Bahiana de
Medicina e Saúde Pública. Psicanalista.

Resumo

Este texto desenvolve uma análise sobre os paradoxos das modalidades de colocação, na cena social, dos sujeitos, discursos e práticas com drogas na diversidade de seus usos. Apóia-se na teoria psicanalítica e tem, como objetivo, problematizar a concepção de laço social, na especificidade do saber-fazer com as drogas, o que comporta a aporia da inscrição no mundo e da estagnação dos laços. Evidencia-se que a delimitação das múltiplas trajetórias de formações comunitárias se configura, no campo das drogas, como possibilidades de produção do novo e promoção, pelo sujeito, do deslocamento do objeto em relação a si mesmo, assim como pode evocar a condição de submissão absoluta ao gozo como Outro implicado na comunhão de gozos, não permitindo ao sujeito faltar em sua própria identidade.

Palavras-chaves: Laço social; Comunidades de gozo; Discurso; Práticas com drogas; Identidades.

PRACTICES WITH DRUGS: INSTITUTION OR DISRUPTION OF SOCIAL TIES?

Abstract

This paper develops an analysis of the paradoxes of the allotment modes, on the social scene, the subjects, discourses and practices with drugs in the diversity of its uses. It relies on psychoanalytic theory and has the objective to discuss the concept of social bond, in the specificity of know-how with the drugs, which includes the aporia of enrollment in the world and the stagnation of the bonds. It is evident that the delimitation of the multiple paths of community formations is configured in the field of drugs, as production possibilities of the new and promotion by the subject of the displacement of the object in relation to itself, as it can evoke the condition of absolute submission to the pleasure as Other implicated in the fellowship of pleasures, not allowing the subject to be lacking in their own identity.

Keywords: Social bond; Communities of pleasures; Speech; Practices with drugs; Identities.

A diversidade das práticas com drogas cumpre o roteiro das modalidades de inserção na cena social de sujeitos, discursos, sentidos e significações. Olievenstein^(1, p.10) ressalta quatro aspectos fundamentais para o estudo das toxicomanias:

- 1º) A primeira é que a droga existe sem o toxicômano. O objeto droga, matéria inerte, existe, sempre existiu, em todos os tempos e todos os lugares;
- 2º) Diante deste objeto, a atitude do homem é variável, conforme o espaço, a ideologia, o lugar e o momento sócio-cultural;
- 3º) Em um mesmo momento sócio-cultural, a atitude dos indivíduos é variável, conforme a vulnerabilidade pessoal ligada à história do sujeito diante da falta;
- 4º) Toda a falta do ser humano remete a uma outra falta arcaica, e é nisso que se situa a especificidade da dependência química;

Logo, as toxicomanias não são determinadas unicamente em função do encontro com a droga. É preciso levar em consideração, ainda, o contexto sócio-cultural e um traço na personalidade do sujeito que promova, a partir do encontro com a substância, um modo de existência regulado pela fusão com o produto e pela relação de descomedimento

O acento, aqui, está colocado sobre o sujeito, indexado de forma repetitiva e contumaz a uma substância tóxica, assumindo uma representação marcada pelo signo do niilismo corporal, no instante fugaz da ação da droga, possivelmente um engolfamento do corpo pelo gozo obtido; assim, o ato toxicômano parece realizar uma tentativa de apreensão do ser sugado no gozo, até o seu paroxismo.

A investigação sobre as toxicomanias nos remete continuamente à revisão da edificação teórico-conceitual e ideológica a que as mesmas podem estar circunscritas, cada vez que uma pesquisa é lançada em direção a uma nova leitura dos seus fundamentos, amplitude social, da terapêutica a ser adotada e mesmo sobre sua inserção na rede pública de atenção e cuidados.

Considerada como evidência prática das criações da nossa realidade de civilizados, as toxicomanias induzem os pesquisadores a buscar correlatos da experiência, onde novos fenômenos não cansam de surgir, fazendo revigorar a inquietante e vigorosa pergunta acerca dos modos como se estruturam as relações do ser humano com o mundo, como realidades diante das quais se aliena e se separa.

A condição de ser-no-mundo está atrelada a respostas de adaptação a um modo de organização da realidade, cujo substrato do dito social está subordinado, por sua vez, à demanda de um discurso, isto é, à forma pela qual um sujeito se encontra preso ao social. Essa prova do social, à qual o sujeito se encontra submetido, revela um paralelo entre a estrutura do sujeito e o que responde a ela no social.

É evidente que a irremovível convocação ao gozo - aqui definido como *um empuxo irrefreável em direção à satisfação* - conduz à formação das denominadas *comunidades de gozo*, ou seja, um modo de configuração dos laços sociais, onde o sujeito se faz representar pelo parceiro-droga, marcando o traço do seu próprio exílio, fazendo-se representar pelas especificidades do saber-fazer com as drogas nas diversas voltas do seu exercício de inscrição no mundo. Vale ressaltar que as múltiplas trajetórias de formações comunitárias se configuram, no campo das drogas, como possibilidades de produção do novo e como tentativas de promover o deslocamento do objeto em relação a si mesmo, mas pode, também, desembocar na estagnação dos laços e evocar a condição de submissão absoluta ao gozo como Outro, ao preço do próprio apagamento.

A indissociabilidade do social com a estrutura do sujeito deriva da interpretação das sintonias contemporâneas. E aqui reside a aposta analítica: operar sobre as ambiguidades de

uma civilização marcada pela homogeneização dos modos de gozo ditados pelo imperativo superegóico *GOZA!* (2, p. 11) a lógica desse imperativo, aliando-se aos produtos da ciência, conseguiu subverter nossa realidade, na configuração das modalidades de enlaces dos indivíduos aos objetos de consumo, cuja articulação particular remete às demandas de cada um. A concepção não somente da ausência de toda separação entre o sujeito e o objeto, como da prevalência do objeto sobre o sujeito, revela-se como apanágio do que se denomina discurso do capitalista, o qual inclui a referência ao consumo, o objeto fabricado, a mercadoria em seu valor de uso. Desse modo, a toxicomania, como uma modalidade de gozo, culmina por prescrever as identidades modeladas pelo parceiro-sintoma, nas quais se verifica a impossibilidade da satisfação erótica, na aliança com um parceiro sexual, visto que se ressalta um gozo que, a rigor, não serve para nada.

As perspectivas de tratamento com usuários de drogas partem do princípio de que os usuários partilham de uma realidade idêntica, na aceção de que estão adequados a uma verdade de um discurso que os torna plasmados dentro de um sistema de assujeitamento social o que, a princípio, denota uma uniformidade que os tornariam idênticos. Assim, o trabalho do psicanalista tem como ponto de partida a inexorável constatação de que a produção de um sujeito advém da superação da conformidade com que o toxicômano se aferra à identidade do ser toxicômano.

REFERÊNCIAS

1. Olievenstein C. Il n'y a pas de drogues heureux. Paris: Laffant; 1977. p. 10.
2. Lacan J. Mais, ainda (1972-1973): seminário 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1982.